

ALMA NUA

Claudia Campolina

Claudia Campolina é uma atriz mineira formada pelo Globe-SP. Ao longo de sua formação fez cursos com Luiz Antônio Pilar, Luiz Antônio Rocha, Celso Fratescchi, Juliana Galdino, Gilda Nomacce e outros. Atuou em vários comerciais e estreou na tv em Insensato Coração (Globo 2011). A partir daí, fez outras participações e papéis (Globo, HBO, Fox). Seu último trabalho na tv foi Politicamente Incorreto (FOX e FX, depois Netflix). No teatro, estreou com Bodas de Sangue (Festival de Curitiba, 2009). Além disso, trabalhou com Saulo Laranjeira e Club Noir. Sua última peça foi Lux (2017). Seu primeiro papel no cinema foi em 2013. Já atuou em curtas e 4 longas - 2 em pós-produção). O terceiro, "A Pedra da Serpente", estreou em fevereiro no Cinemark. Nele, interpreta sua primeira protagonista, papel que lhe rendeu críticas positivas do Jornal do Brasil, O Globo, AdoroCinema e Papo de Cinema. A atriz também escreve poesias, faz artes plásticas (teve uma instalação na Galeria Mônica Filgueiras) e cursa filosofia.

Instagram: @autorretratoempoesia









**ENTRE O LÁ E O OUTRO LÁ:
UMA VIDA NA CORDA BAMBÁ**

Acordei no frio da
Minha alma nua
Na depressão do
Meu esqueleto mole
Na Angústia
Da minha pele urgente
Tentando não desmoronar
Ao abrir os olhos
Cá estou
Entre muitos entres

Noutros tempos outros entres
Se foram
Outros virão

Entre o hipócrita
E a alienada

Entre o dogma da religiosa
E o dogma do idealista

Entre o discurso da privilegiada
E o choro do vitimista

Entre a vingança do ressentido
E a pirraça da adulta criança

Entre a ignorância opinativa
E a arrogância intelectual

Entre a verdade do messias
E a verdade do demônio

Entre o culto do puritano
E a orgia do perverso

Entre a meritocracia perversa
E o comodismo do sustentado

Entre a prisão do falso moralista
E a liberdade do libertino

Entre o nada do niilista
E desperdício do niilismo De Nietzsche

Entre a violência para a paz
E a paz com violência

- O meio!

Eu-falha
Por isso humana

Na corda bamba
 Cadê o equilíbrio?
 Indo pra lá
 Balançando até o outro lá
 Tão difícil manter a corda do centro
 Os pés escorregam
 Escapam do fio da realidade
 Os olhos miram o precipício
 Concentro-me na respiração
 A corda diminui a oscilação
 Vapores de ar quente de lá machucam a minha pele
 Tempestades do outro lá enchem meus pulmões de água
 Ao mesmo tempo queimadura e hipotermia
 Causadas por excessos de contrários
 O estômago começa a revirar
 A mente a falhar
 O coração a palpitar
 Angústia e ânsia
 Me oferecem “tarja preta” para camuflar a dor
 Nego!
 A tragédia é necessária!
 Destrói pra construir
 Sentir é preciso sentir
 Quem recusa se acovarda
 Sem cair, aos poucos recupero a saúde
 Tento acenar em direção aos dois lados

Sei que será preciso buscar o bom convívio
 Embora não consiga fingir que em mim não moram re-
 voltas
 O sorriso não esconde as mágoas
 Escuto o que dizem
 Enquanto berro
 Nem eu entendo como isso é possível
 Sou mesmo um ser complexo
 Corrijo movimentos que eu sei
 Atrapalham a estabilidade pretendida
 Não duvidem!
 Quer dizer, duvidem, mas paguem pra ver
 Uma aspirante artista
 Não desiste do espetáculo
 Até quando rígida e nervosa
 Quando pareço não ceder
 Aprendo
 Já entendi
 A vida toda será nessa corda bamba
 Que eu não consigo ver até onde vai
 Não quero ser a que com medo
 Estaciona numa parte do percurso
 Não quero ser a que desistente
 Se entrega à queda
 Mas a que permanece se transformando
 A cada passo do caminho

Às vezes, a corda se bifurca
 E da bifurcação outras tantas
 Bifurcações aparecem
 As possibilidades são infinitas
 A confusão natural
 E precisarei sempre seguir
 Escolher
 Errar, voltar
 Recomeçar

Anote agora:
 Somar ao presente
 O passado, as falhas e os acertos
 Não perder a memória
 Não perder a memória
 Escrever sobre a memória pra guardar a memória
 Programar os próximos passos
 Sem me distrair com a ideia de futuro
 Não tentar viver no futuro
 Não deixar de viver por um suposto futuro
 Ser afetada pelos vapores, pelas tempestades
 Saber-me caldeirão e múltipla
 Por isso aceitar
 Aceitar os outros e a mim
 Mas lembrar: existem limites!
 Dar as mãos pra não cair

Não deixar que caiam
 Resistir

Ficar
 Voltar se cair
 Seguir
 Se arriscar
 Como devir

Andaram lhe abafando o grito
 Lhe enclausurando a voz
 Lhe desumanizando o corpo

Andaram lhe fabricando a farsa
 Lhe robotizando o gesto
 Lhe embonecando a mulher

E a alma dela?
 Que espia da janela
 Sobrevi-
 Verá?

E a vida dela?
 Que faísca a cada piscadela

Explod-
Irá?

Engole tudo
Sem cuspir
Não te vaze
Deixe bem presa a vida
- A vontade reprima!
O desejo que entupa
Os poros
Envenene
Se limpe com água turva
Do sujo do mundo
Do podre do outro
Vá jogando a si nas entranhas
Caindo em tripas
Revirando o fígado, a língua, a vulva
Vá se congestionando pelo estômago
Estancando o brilho
Obscurecendo a alma
Se obstrua enquanto
Metamorfoseando
Morre!

O que/quem
Renasce?

Quando o tanto
Se faz pouco
E eu, abafada
Engulo a potência
A competência,
Enclausurada
Porque me calo
Ofuscando
A andada
Porque eu ando
Aguentando calada